



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano II – N. 11 – Novembro de 2021

FAMÍLIA PASSIONISTA DO BRASIL - FPB

Na vertente contemplativa do Carisma

Irmã Luzia Maura dos Sagrados Corações, CP – Monja do Mosteiro Passionista Santa Gema

Sabemos que o Carisma Passionista é, por sua natureza, missionário e contemplativo. É caracterizado por um duplo movimento. O primeiro é externo, visível, de difusão: levar Deus ao mundo pelo anúncio de Cristo Crucificado, ensinando como fazer memória da Paixão; o segundo é interno, oculto, de recolhimento: trazer o mundo a Deus, recolhendo e apresentando ao Pai as necessidades, sofrimentos, angústias, esperanças, a oração, a gratidão, o louvor e ação de graças de todas as pessoas e a voz de toda a criação. (cfr. RC II parte, nº53)

É bem verdade que “o (a) Passionista, ou será missionário(a) contemplativo(a), ou contemplativo(a) missionário(a). Cada passionista, conforme o chamado que recebeu e a sua condição, atua mais intensamente um ou outro aspecto, mas são muitos os que, na esteira de São Paulo da Cruz, percorrem de modo admirável as duas vertentes.

Contudo, na Família Passionista não são poucos os que por motivo de idade, saúde e também por vocação específica, vivem a vida predominantemente contemplativa, *procurando estar continuamente unidos a Cristo que contempla, adora o Pai e intercede pela salvação dos homens*. (cfr. RC, II parte, nº 2) Isto implica deixar-se modelar segundo Cristo Crucificado, associar-se a Ele nas cruzes concretas do dia a dia, com os mesmos sentimentos e intenções do Senhor.

Nosso Santo Pai nos oferece práticas clássicas, harmoniosamente vinculadas para nos auxiliar a bem nos dispor ao Espírito de Deus e à sua ação, “suavemente”, “sem esforço de mente ou de peito”, “sem escrúpulos” e “sem fixações”.

Ele nos indica a **meditação diária da Paixão**, a **prática contínua de sólidas virtudes** e o **exercício contínuo da Presença de Deus**. Pela meditação toma-se consciência das virtudes das quais Jesus nos deu exemplo e, mantendo-se sempre em sua companhia, delas se apropria pela imitação. Se houver perseverança consegue-se, com a ajuda de Deus, “escrever indelevelmente no próprio coração a Santíssima Vida, Paixão e Morte do Dulcíssimo Jesus sacrificado sobre o Calvário para a Redenção do mundo” (cfr. RC I parte, nº1), até podermos dizer: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim”. (Gl 2,20) Fazendo o pouco que Deus nos pede – aquilo que nos é possível, o mais Ele realiza: “Aquele que vos chama é fiel, Ele mesmo realizará isto”. (1Ts 5, 24)

Sob o magistério do Apóstolo da Paixão inúmeras almas, aprenderam a ciência da Cruz. Paulo exortava as multidões a meditar diariamente, ao menos por quinze minutos a Paixão do Senhor, convicto que era suficiente para arrancar qualquer pessoa do lodaçal do pecado elevá-la a mais alta santidade. Era a “tarefa de casa” das Missões Populares, que o

povo cumpria com fidelidade e sempre ocorria a reforma de costumes de uma cidade inteira. Nenhum pecado ou vício resiste a Cruz de Cristo.

Paulo sabia, por experiência, e de vários modos afirmou que a meditação da Paixão, unida ao exercício das virtudes, é a porta e também meio utilíssimo para alcançar a perfeição do amor de Deus e do próximo, tanto para os iniciantes da via purgativa e os adiantados da via iluminativa, como para os perfeitos, contemplativos e místicos da via unitiva". (cfr. RC, I parte, nº 49) Até para as crianças ele garantia o acesso à meditação da Paixão, prescrevendo-as nas Missões Populares pregadas pelos Passionistas e recomendando aos pais as ensinassem segundo um modo adequado à sua idade, "com palavras simples e infantis", sem alongar-se muito para não as entediar. (Lett. I, 566)

Para as pessoas não habituadas à meditação ele aconselha um modo bastante simples e eficaz: ler lentamente o texto bíblico ou um livro sobre a Paixão, detendo-se "onde se experimenta maior devoção e recolhimento". (Lett III, 359). "O Pai Eterno no "O Diálogo" de Santa Catarina de Sena, (18.3.1, nº 66), diz que, para se chegar à oração a pessoa deve começar pela vocal, passando depois à mental, assim que sentir o espírito bem disposto, isto é, quando Deus visita a alma.

Santa Camila Battista da Varano (1458-1524), grande mística, canonizada em 2010, pelo Papa Bento XVI, é um exemplo excelente da eficácia deste princípio humilde de meditação. Ela relata na sua autobiografia como se iniciou a sua vida espiritual: Numa Sexta-feira Santa, no final da pregação, o sacerdote exortou cordialmente ao povo que se recordasse da Paixão do Senhor, ao menos às sextas-feiras, e derramasse por ela uma única lágrima. Por volta dos treze anos, ela a isto se empenhou com um voto. Como era de se esperar, encontrou muita dificuldade para "observar o voto". Foi necessária, por parte do Confessor a dispensa da lágrima e dos escrúpulos depois de ter meditado com todo o empenho e devoção possível. A Divina Providência lhe fez vir às mãos "uma meditação da Paixão distinta em quinze partes". Parecia ter sido escrito propositalmente para uma pessoa que não soubesse meditar. Ao fim de cada capítulo

prescrevia a recitação de uma Ave-Maria, depois o seguinte, iniciava com estas palavras: "Eu te agradeço, Senhor meu Jesus Cristo, que fizeste isto e isto por mim..." A Santa lia esse livrinho e naquelas Ave-Marias de cada mistério esforçava-se por derramar uma lágrima. Afirma ter feito assim por diversos anos, até que evoluiu espontaneamente da leitura para a meditação, não apenas uma vez na semana, mas todos os dias. As lágrimas lhe vinham com tanta abundância, que ela às vezes desejava meditar sem chorar, para não ser alvo de tagarelices e fofocas, mas não conseguia.

Havendo fidelidade e perseverança, haverá progresso e pleno êxito do processo. "Quando você fala de oração não introduza ninguém naqueles recolhimentos profundos, mas deixe que os conduza Deus e somente lhes insinue a meditação da Paixão Santíssima de Jesus e a imitação das suas santas virtudes. "Verdade é que tal memória da Paixão Santíssima de Jesus Cristo com a imitação de suas santas virtudes não se deve deixar, ainda que houvesse o mais profundo recolhimento e alto dom de oração, antes, esta é a porta que conduz a alma à íntima união com Deus, ao recolhimento interior e a mais sublime contemplação". (Lett. I, 582)

A meditação de São Paulo da Cruz tem um diferencial que facilita uma relação pessoal com Jesus e muito contribui para manter a atenção em Deus e produzir em nós os afetos que inflamam a nossa vontade para conhecer e cumprir a vontade divina. Ele sugere tanto para os principiantes, como para os adiantados, contemplativos e místicos: **os "colóquios", "o diálogo amoroso" com Jesus padecente, "coração a coração"**. Esse falar com Jesus sobre os seus padecimentos é retomado várias vezes ao dia até a próxima oração e o Ramallete Espiritual colhido na meditação oferece o assunto. Dessa prática decorre **a memória contínua da Paixão**, que conduz à união com Jesus na sua Paixão e à imitação de suas virtudes. Paulo oferece-nos o passo a passo ao sugerir a uma religiosa portar-se da seguinte maneira: ***Procurarei com todas as minhas forças seguir as pegadas do meu Jesus. Quando estiver aflita, abandonada, desolada, far-lhe-ei companhia no Horto. Quando***

desprezada, injuriada, unir-me-ei a Ele no Pretório. Quando deprimida e angustiada, pelas agonias do sofrimento, acompanhá-lo-ei, com fidelidade, até o Calvário e, com generosidade, até a Cruz, com a lança no coração. Oh! Doce morte! (Morte Mística, IV)

O envolvimento com a pessoa de Jesus no mistério de sua Paixão histórica impele a alma ao comprometimento com Jesus na sua Paixão, hoje, na pessoa do próximo. “Quem não ama o seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê. Este é o mandamento que dele recebemos: quem ama a Deus, ame também seu irmão”. (1Jo 4, 20-21) “Em verdade, eu vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequeninos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,40) Nos Regulamentos que deixou às suas monjas escreve: “As religiosas vão ao refeitório com modéstia e pureza de intenção. Recordem-se que, às vezes, Jesus não tinha sequer um pedaço de pão duro para matar a fome, e na cruz não teve ao menos um pouco d’água para dessedentar-se em sua grande sede. Reflitam também que, milhões de irmãos nossos sofrem fome e muitíssimos morrem de inanição; por isso, mostrem-se sempre contentes com o que recebem e, saibam também, fazer alguma renúncia”. (nº 42) E as Constituições completam: “De boa vontade destinam parte de seus recursos, também para a ajuda dos pobres e dos sofredores, nos quais reconhecem e amam o Cristo sofredor. (Cfr. Mt 19,21; RC II parte, nº 31)

Outros dois elementos clássicos que integram essa vivência da memória da Paixão são: o Ramalhete Espiritual e a Comunhão Espiritual.

O Ramalhete é obtido na conclusão da meditação: “faça um ramalhete das penas de Jesus e o tenha no seio da alma, como já tenho dito. De vez em quando se pode fazer uma memória dolorosa e amorosa, falando docemente com o Salvador...” (Lett. I, 108)

A Comunhão Espiritual, segundo Paulo, deve-se fazer várias vezes ao dia, no mínimo sete. É um tesouro inestimável. Deus Pai, explica à Santa Catarina de Sena que a comunhão espiritual se dá de dois modos, um, “ao se comungar pelo desejo da Eucaristia” e outro,

meditando-se a Paixão de Cristo Crucificado... Nela a pessoa embriaga-se, inflama-se, fica saciada no desejo santo, cheia de amor por mim e pelos homens... Alguém comunga espiritualmente no corpo e sangue de Cristo sem receber o Sacramento da Eucaristia. Tal pessoa comunga no amor, fato que acontece na oração em maior ou menor intensidade, de acordo com o amor do orante. (O Diálogo, 18.3.1, nº 66)

Para se viver nesta intimidade com Deus, como já dito antes, a solidão, o silêncio interno é um elemento essencial, mas não precisamos ocupar-nos diretamente com a sua aquisição. É uma decorrência natural, parte daquele “tudo que nos será dado por acréscimo”. (cfr. Mt 6, 33) É preciso buscar a meditação da Paixão e a imitação daquele que com coração humilde e manso, humilhou-se e obedeceu até a morte de cruz. (cfr. Fl 2, 1-11) Para tanto nosso Santo Pai nos oferece treinamentos da tradição monástica para as diversas virtudes que levam à paz do coração, sem a qual não é possível permanecer na Presença de Deus. Não exortava à prática da humildade, mansidão, obediência e demais virtudes somente de modo geral, mas ainda indicava as atitudes que a elas conduzem: aceitar e receber tudo diretamente das mãos de Deus; (cfr. Jo 18,11) obedecer a todos por amor a Deus, considerando sinceramente os outros como melhores e mais importantes; renunciar o próprio juízo e a própria vontade; acusar-se das próprias faltas e defeitos; não se ofender nem se ressentir; não se justificar; jamais julgar ou pensar mal do próximo; pedir perdão com facilidade; submeter-se à Direção Espiritual, etc. A finalidade primeira desses treinamentos é tornar-nos semelhantes a Jesus e, conseqüentemente, aptos para observarmos o seu mandamento: “Em primeiro lugar, recomendo-vos insistentemente o santíssimo preceito dado por Jesus aos seus discípulos: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”. Eis, meus irmãos caríssimos, o que eu desejo com todo o afeto do meu pobre coração, quer de vós que estais aqui presentes, como de todos os demais que no momento trazem este hábito de penitência e de luto pela Paixão e Morte de Jesus Cristo, nosso amabilíssimo Redentor bem como

dos que, futuramente, forem chamados pela divina Misericórdia a este pequeno rebanho do

Senhor". (Do "Testamento Espiritual" de São Paulo da Cruz)

PARA REFLETIR:

- Segundo São Paulo da Cruz o meio mais eficaz para converter as almas mais obstinadas é a meditação diária da Paixão de Jesus. O que preciso fazer para que esse remédio tenha efeito em mim? Estou tomando na dosagem certa?

- "Cristo, nosso Senhor, assim que acabava de pregar, fugia em direção ao monte para orar e nós?" (Lett. II,284) Jesus disse que "o Filho não pode fazer nada por si mesmo; ele faz apenas o que vê o Pai fazer". (Jo 5, 19-20) Disse também: "Sem mim, nada podeis fazer". (Jo 15,5) Estou convencido(a) de que também eu não posso realizar nada por mim mesmo(a) e que dedicar um tempo nobre para estar com Deus, é imprescindível para mim?

- A meditação da Paixão é Comunhão Espiritual "no corpo e no sangue de Cristo" que enche a alma do desejo santo pela glória de Deus e a salvação das almas. A oração de Daniel subiu até ao trono de Deus e o Anjo Gabriel veio até ele porque era um homem de desejos. (Dn 10, 11-13) Eu sou uma pessoa de desejos? Clamo a Deus com confiança e perseverança? Conto com o braço de Deus?

CALENDÁRIO DE NOVEMBRO

03 Beato Pio Campidelli. Record. Da Vem. Elisabetta Tasca. Leiga.

13 Eugênio Bossilkov, Bispo.

16 Record. Da Vem. Madre Maria Cruxifixa de Jesus, Co-Fundadora das Monjas Passionistas.

18 Beato Grimoaldo da Purificação de Santa Maria.

19 Votivo (V): A crucifixão e morte de Jesus.

20 Votivo (VIII): Nossa Senhora das Dores.

21 Apresentação da Sma. Virgem Maria.

23 São Paulo da Cruz inicia o retiro de Castellazzo. 23 de Nov. Fundação da Congregação Passionista.

25 Votivo (VI): Jesus trespassado pela lança.

EXPEDIENTE: *Equipe de Espiritualidade da FPB* – Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Pe. Gilberto de S. M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando, (Prov. Getsêmani).



In Cordibus Nostris

BOLETIM DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano II – N. 12 – dezembro de 2021

Um caminho, uma rejeição e um Nascimento...

Ir. Jaqueline de Nossa Senhora das Dores, CP - Província São Gabriel

«... Mas quem não poderá e destilará o coração, vendo um Deus para nós como um bebê envolto em panos, colocado no feno como berço, (...) ! Oh, que grande luz! Oh, que grande fogo arde no estábulo de Belém!

Ai de mim, se diante de tanta luz, do ardor de tanto fogo, não me consumir de santo amor e permanecendo morno e gelado como antes! " São Paulo da Cruz

Um caminho...

'Faltavam apenas alguns dias para o que se supunha fosse, a data do divino parto de Maria, quando José ouviu o decreto imperial proclamado ao som das trombetas em Nazaré. Deve tê-lo consternado profundamente, não por si mesmo, pois nada que afetasse apenas a ele pessoalmente poderia entristecê-lo ou perturbá-lo, mas devido ao zelo por Maria e à aflição em saber que ela teria de fazer aquela viagem de noventa milhas (156 km) em sua atual condição. (...) Deus, ao fazê-lo (José) esposo de Maria e pai adotivo de Seu Filho, dotou-o com toda a ternura própria e conveniente a essas relações, ou antes, com muito mais do que o matrimônio e a paternidade costumam acarretar. Além disso, aumentou seus méritos pela paciência com que suportou a pressão dessas enormes responsabilidades sobre seu coração amoroso'.

Comtemplar o mistério da encarnação seguindo os passos de José, pode nos ajudar a meditar o caminho passiológico da sagrada família, desde o seu início. As três palavras que descrevem os passos percorridos por São José

são os mesmos que Jesus iria percorrer mais tarde, durante a sua paixão. E por que não, seguir os passos da Sagrada família rumo a Belém, a casa do pão?

Nenhum anjo foi enviado a José para convocá-lo a Belém, Deus, porém dispõe os eventos humanos a fim de cumprir seus propósitos, sua divina vontade. Como não admirar o saudoso José pela sua sabedoria, pela sua capacidade de ler os sinais dos tempos. Pelo édito do imperador romano César Augusto, prescrevendo o recenciamento, se cumpre a profecia; *"E tu Belém, Éfrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá, mas de ti é que me há de sair àquele que há de reinar em Israel e cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade."* (Mq 5,2)

Quantas pessoas percorrem um caminho difícil nos dias de hoje. Saindo de seu ambiente, abandonando famílias, terras, casas, trabalhos, em vista de dias melhores.

A sagrada família, no entanto, regressava para a sua terra natal que era Belém, para cumprir com as leis vigentes naquela época. Quanto sofrimento oblativo suportou José e Maria, quanta insegurança e cansaço para uma mulher com a gravidez avançada.

O caminho percorrido por José e Maria nos faz recordar o caminho percorrido por Jesus

¹ Edward Healy Thompson, Vida e Glórias de São José.

durante a sua paixão, um caminho de entrega total percorrido pelo Filho também foi um caminho de entrega total percorrido pelos pais. Jesus sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem sofreu todas as dores e sentimentos que o ser humano. Jesus era em tudo igual a nós, menos no pecado, nos diz as Sagradas Escrituras.

Os caminhos que cada uma de nós percorre nos dias de hoje nem sempre nos levam para nossa terra de origem, para um lugar melhor ou para Deus. Quantos caminhos percorremos, que nos deixam fatigados, secos, esgotados de nós mesmos. Quantos caminhos, insistimos em tomar e por orgulho não somos capazes de voltar atrás, de repensar... Insistimos muitas vezes nos nossos caminhos, e usamos a nossa fé como garantia para seguirmos adiante no erro, desperdiçando nossas vidas não para Cristo e para os outros, mas para nós mesmos, mergulhados nas nossas sutis ambições. Quantos caminhos, rejeitamos percorrer pelo grau de dificuldade que se apresentam? Quantas pessoas percorrem caminhos sem retorno; não sabem como sair; estão presas pelos vícios, pelo tráfico de seres humanos, pela cobiça, pelas guerras; caminhos onde não é possível ver uma luz...

Nos passos da espera... Não só devemos esperar com ânsia pela vinda de Cristo, devemos suplicar a Ele que *não tardes mais*. Devemos pedir a Ele que olhe de novo a “miséria do seu povo...” Êxodo 3 ... Povo que sofre, povo que esqueceu o seu Deus e oferece sacrifícios a outros deuses.

O caminho da paixão de Cristo nas suas quedas, encontros e desencontros, olhares, dores, tristezas, compaixão, foi percorrido por José e Maria e continua a ser percorrido nos dias de hoje.

PARE! Olhe o caminho que você está percorrendo e como você está percorrendo. O seu caminho é feito do sacrifício de outras pessoas? No seu caminho tem alguém à frente? Quem? O caminho percorrido por você está deixando rastro de luz, de Deus, de santidade

ou está deixando descontentamentos, sacrifícios desperdiçados, brigas, frieza nos relacionamentos?

A viagem, segundo a tradição Judaica era permeada de orações. Oração antes de sair, oração para ultrapassar os limites da cidade, oração para viagens longas... com certeza José e Maria também fizeram esta longa viagem recitando as devidas orações Judaicas, elevando a Deus os seus passos. Ofereçamos também a Deus os nossos passos, o nosso caminho.

Uma rejeição

‘A Sagrada família chegava próximo à Belém, e a multidão aumentava à medida que se aproximava da cidade. Podemos imaginar José conduzindo o manso jumento e abrindo caminho com dificuldade. *A casa de hóspedes estava cheia, não havia lugar. Lc 2,7.* José foi afastado da porta e tiveram que procurar outro lugar. Exausta e exposta ao frio, a Virgem tinha de passar de porta em porta, mas essas frias rejeições doíam-lhe muitíssimo mais. José foi tomado por uma angústia inexprimível. Sabemos o que é ver-se impotente de fazer algo por um ente querido, que depende dos nossos cuidados, exposto a dificuldades e perigos. Mas o que é o amor afetuoso de qualquer um de nossos pobres corações em comparação com José? Pensemos, na responsabilidade que recaia sobre ele, e na enorme tensão resultante em sua mente e afetos: o cuidado e a tutela, não são apenas da Santíssima Mãe de Deus, mas do próprio verbo encarnado!?’

José vive a rejeição juntamente com Maria sua esposa, e seu Filho, Jesus. Não podem entrar, não podem se acomodar. Estavam cansados de uma longa viagem com muitas paradas.

A ‘falta de lugar’ para acolher Jesus nos abre a tantas reflexões. As leis do antigo testamento atestam com veemência a importância de acolher o peregrino. Não maltratáveis nem oprimireis nenhum estrangeiro, pois vós

² Edward Healy Thompson, Vida e Glórias de São José.

mesmos fostes estrangeiros nas terras do Egito. Ex 22,21.

O texto evangélico nos diz: *"deu à luz seu filho primogênito, e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria."* Lc 2, 7.

Se Maria e José procuraram em vários lugares e não foram recebidos, não fica claro no evangelho. Ficam margens para interpretações onde muitas vezes somos levados a pensar que o povo não quis receber a sagrada família. O mais importante do relato é, porém, a reflexão de que aqueles que batem à nossa porta devem ser acolhidos, e cuidados e nenhum tipo de desculpa pode nos impedir de estender a mão aos mais necessitados. É a obrigação de todo aquele que crê em Deus, particularmente aqueles que seguem a tradição judaica-cristã.

"Contudo, não rejeites o Edomita, pois esse é teu irmão. Não abomines o egípcio, porque vós fostes um estrangeiro em sua terra". Det 23,10

"Se alguém possuir recursos materiais e, observando seu irmão passando necessidade, não se compadecer dele, como é possível permanecer nele o amor de Deus?" 1Jo 13-17.

O medo na sociedade atual muitas vezes nos afasta da caridade. Temos medo de nos aproximarmos das pessoas que não conhecemos, temos medo de abrir as portas para as pessoas, temos medo de abrir-nos ao novo. Temos medo de sermos mais caridosos, temos medo que o outro se 'acomode com a caridade'... no entanto as sagradas escrituras nos exortam à caridade, à fraternidade, à partilha.

Pior que a rejeição é não querer dar espaço ao próprio Cristo, conhecendo, sabendo quem Ele é. Se algumas pessoas na história da salvação não puderam dar espaço à uma "família forasteira", pior podemos fazer, nós que conhecemos o nome dos 'forasteiros'. Sabemos quem é Jesus, quem é Maria, quem é José. Como os acolhemos em nossa vida? Aquele povo, também talvez tivesse medo, de

assaltantes... e nós? Qual medo nos impede de acolher verdadeiramente O Menino Jesus no nosso coração? Qual espaço damos a Ele? Antes de acolher fisicamente as pessoas, é necessário acolher no nosso coração, com profundo respeito pela imagem de Deus que cada um carrega em si. Cuidar do outro, cansar-se pelo outro, ter atenção às necessidades do outro. Deus não quer outras coisas de nós senão que "cuidemos". Cuidemos das nossas relações, da natureza, dos nossos sentimentos, pensamentos e da nossa relação com Ele.

Um nascimento

"Também José subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à Cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi, para se alistar com a sua esposa, Maria, que estava grávida.

Estando eles ali, completaram-se os dias. E deu à luz seu filho primogênito, e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia nos arredores uns pastores, que vigiavam e guardavam seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: "Não temais, eis que vos anuncio uma Boa-Nova que será alegria para todo o povo: hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura". E subitamente ao anjo se juntou uma multidão do exército celeste, que louvava a Deus e dizia: "Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens, objetos da benevolência (divina).³"

Aqui existe somente lugar para a fé, para a contemplação para a adoração do menino Deus, que na sua humildade e pureza vem morar entre nós. Aqui é o centro da fé. Não

³ Lc 2, 4-14

tem espaço para o racionalismo. O mistério da encarnação abre somente uma porta pequenina da ternura, da comoção, do arrependimento pelos próprios pecados. É a porta pequenina, para entrar no coração de Deus, e para entrar precisa ser como a criança.

Quando São Francisco de Assis recria a cena do nascimento de Cristo, o presépio, ele nos deixa um legado muito importante. Por que é através da contemplação que nós podemos nos aproximar deste imenso mistério.

Por isso é importante que quando preparamos o presépio nas nossas casas, igrejas, conventos, e capelas tenhamos presente que a cena do nascimento deve ser recriada. Recriada de forma que quando olhamos aquela cena possamos entrar em contemplação do Belo, do Bom e do Justo. O presépio não deve ser feito como um simples enfeite onde não atrai o nosso olhar. Deve provocar a contemplação. Quando São Paulo da Cruz nos exorta a contemplar o Divino Menino, o faz porque olhando para aquele nenenzinho pequenino, o nosso coração deve se comover pela *memoria*

da paixão. Jesus, o pequenino, aquele nenenzinho inocente e puro diante de nós, nasce para morrer. E nasce para morrer pelos nossos pecados, que em fim de conta não existe garantia de que vale a pena. Depende de cada um de nós se aquele pequeno ‘inocente’ vai morrer em vão ou não. Pode existir o Natal sem caridade no sentido prático, mas não existe verdadeiro Natal sem um tempo para contemplar o Pequeno Menino. Natal sem contemplação do Menino Deus que nasce e que vai morrer por nós, não é Natal; É iluminismo, é maçonaria, é ateísmo... É a contemplação do mistério da encarnação que dá sentido às nossas ações, porque, se fazemos a caridade é em nome de Deus que nos criou para o amor e o que fazemos é por Ele e para Ele.

Olhar então para o Menino Jesus, pequenino na manjedoura, para um (a) passionista deve tocar o coração e a memória num lance de exame de consciência: Vai valer a pena da parte minha? O Nascimento, Paixão, Morte e Ressureição, no ciclo da vida e do resgate de Deus por nós, está valendo a pena para mim?

CALENDÁRIO DE ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA – DEZEMBRO DE 2021

09 - Mem. Beato Bernardo Maria de Jesus Silvistrelli, cp

EXPEDIENTE: Equipe de Espiritualidade da FPB – Ir. Rosana Bertachi, CP (Prov. Imaculado Coração); Ir. Jaqueline B. de Oliveira, CP (Prov. São Gabriel); Ir. Maria Irene da Silva, CP (Prov. Rainha da Paz); Pe. Gilberto de S. M. Arcanjo, CP (Prov. Exaltação da Santa Cruz); Pe. Fernando, (Prov. Getsêmani).